

Anais do Congresso Brasileiro de Enfermagem Neonatal

Encontro Norte-nordeste de Enfermagem Obstétrica e Ginecológica

Fórum Nacional de Políticas de Atuação de Enfermeiros e Obstetizes

na Assistência à Saúde da Mulher e do Neonato

Fortaleza - Ceará - Brasil - De 24 à 27 de junho de 2012



ISSN 2238-7242

ASSOCIAÇÃO ENTRE O TIPO PARTO E ALEITAMENTO MATERNO: UM ESTUDO DESCRITIVO

Reis, Ana Cândida Serafim dos¹
Aguiar, Adriana Sousa Carvalho de²
Damasceno, Ana Kelve de Castro³

INTRODUÇÃO: A experiência da amamentação para algumas puérperas pode ser um processo difícil e doloroso, devido à dificuldade de vencer as barreiras de algumas intercorrências mamárias. Por esses motivos, diversas mulheres abandonam o aleitamento materno exclusivo, como também, o predominante e o misto, deixando seus filhos desprotegidos ao oferecer fórmulas lácteas e outros alimentos antes do bebê completar os seis meses de vida. Ao introduzir outros alimentos antes dos seis meses, o bebê fica em desvantagem em relação a outro bebê que só mama, pois a prática precoce de outros alimentos interfere diretamente na diminuição da duração do aleitamento, como também, na absorção de nutrientes presentes no leite materno. Além disso, o bebê fica propício ao risco de contaminação de alimentos e alergias (SALDIVA; ESCUDER; MONDINI; LEVY; VENANCIO, 2007). No Brasil, apenas metade dos lactentes recebe Aleitamento Materno Exclusivo (AME) até o 1º mês de vida; entre o 3º e 4º mês este índice cai para 21% e somente 9% dos lactentes estão em AME no 6º mês de idade (ABRÃO, 2006). Observando esses dados tem-se a consciência de que é preciso pesquisar mais sobre quais são os motivos que levam as mães a não oferecerem seu alimento mais rico em nutrientes para seus filhos. **OBJETIVOS:** Traçar o perfil sócio demográfico das mulheres que apresentaram dificuldades com o aleitamento materno e investigar se houve influência do tipo de parto para o desmame precoce em relação ao filho anterior. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem quantitativa. O estudo descritivo foi realizado em uma maternidade de nível terciário, referência no estado do Ceará, na Unidade de Alojamento Conjunto. Fizeram parte do estudo 273 puérperas não primíparas que deram entrada na maternidade durante a coleta de dados. Os critérios de inclusão foram: estar vivenciando o puerpério no mínimo pela 2ª vez; estar no pós-parto imediato; estar consciente e orientada o suficiente para participar da pesquisa; estar amamentando; recém-nascido estar presente no Alojamento Conjunto juntamente

¹ Enfermeira. Especialista em Enfermagem Neonatal e Especialista em Saúde da Família pelo Departamento de Enfermagem FFOE/UFC. Enfermeira da Estratégia Saúde da Família da Prefeitura Municipal de Guaramiranga-CE. E-mail: anacandidas@hotmail.com

² Enfermeira. Mestre em Enfermagem pelo Curso de Pós-Graduação do Departamento de Enfermagem FFOE/UFC; Especialista em Unidade de Terapia Intensiva.

³ Enfermeira. Professora Adjunto do Curso de Graduação em Enfermagem da FFOE/UFC. Professora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Mestrado/Doutorado. Enfermeira Obstetra/UFC - Coordenadora do Grupo de Pesquisa Enfermagem na Promoção da Saúde Materna. Tutora do Programa de Educação Tutorial/SESU/MEC.

com a mãe durante a coleta. Foram excluídas da pesquisa: as mulheres primíparas; puérpera que se encontrava com bebês internados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal ou estavam impossibilitadas de amamentar por alguma contraindicação. A análise dos dados foi realizada no período de outubro a dezembro de 2008. Utilizou-se a categorização das falas, organizando-as de acordo com a aproximação dos discursos. As falas foram identificadas por número de acordo com o instrumento pesquisado. Para os dados numéricos utilizou-se o programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 13.0 de 2004, sendo organizados e apresentados em tabelas e gráficos. O teste estatístico realizado foi o Teste Pearson Chi-Square, sendo valores de $p < 0,05$ significativos. A interpretação dos resultados foi realizada com base nos autores que abordaram esta temática. Este estudo está vinculado à pesquisa intitulada *Amamentação: O conhecimento das puérperas em uma maternidade de referência em Fortaleza-CE*. Respeitados os aspectos éticos da Resolução 196. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com protocolo nº 22/05. **RESULTADOS:** A faixa etária prevalente na pesquisa ficou entre 25 a 35 anos. Em relação à associação com o desmame não se observou diferenças significativas entre as idades (valor de $p=0,96$), havendo apenas um discreto aumento de dificuldades entre as mães com mais de 35 anos. Notou-se também a existência da baixa escolaridade, em mais de 65% de todas as entrevistadas com menos de 8 anos de estudo, porém quando comparada com a existência de dificuldades, não foi verificada diferenças estatísticas entre o grau de escolaridade ($p=0,39$). Em relação ao estado civil mais de 80% eram casadas/ união consensual. Quanto à residência mais de 80% moravam na capital e cerca de 70%, donas de casa. Quando associados esses dados com a existência de dificuldades com a amamentação, não se verificou diferenças significativas entre essas variáveis e as dificuldades. Acrescenta-se que não houve diferenças significativas em relação ao tipo de parto. Tanto no parto vaginal quanto no cesáreo, identificaram-se altas porcentagens de dificuldades na amamentação, refletindo que não há justificativa de dificuldades pelo tipo de parto. Porém, quando se realizou a associação entre o tipo de parto e o período de AME do filho anterior, percebeu-se que houve um discreto aumento para o aleitamento exclusivo até os 6 meses para as puérperas de parto cesáreo 43,8% (32) em detrimento de 32,5% (65) de parto normal, valor de $p=0,34$. De forma semelhante, Holanda e Silva (2003) em sua pesquisa verificaram que houve uma incidência aumentada de aleitamento materno exclusivo nas mulheres de parto cesáreo 55% versus 38% de parto normal. **CONCLUSÕES:** A maioria das nutrizes tinha idade entre 25 e 35 anos, menos de 8 anos de escolaridade, era casada ou tinha uma relação estável. Não se observou diferenças significativas entre a existência de dificuldades para amamentar e as variáveis: idade, escolaridade, estado civil, ocupação, residência e tipo de parto. As atividades de educação em saúde são essenciais para conseguir reverter esse quadro de dificuldades das puérperas durante o aleitamento. É necessário desenvolver ações de promoção e conscientização da importância do aleitamento materno que atinjam

¹ Enfermeira. Especialista em Enfermagem Neonatal e Especialista em Saúde da Família pelo Departamento de Enfermagem FFOE/UFC. Enfermeira da Estratégia Saúde da Família da Prefeitura Municipal de Guaramiranga-CE. E-mail: anacandidas@hotmail.com

² Enfermeira. Mestre em Enfermagem pelo Curso de Pós-Graduação do Departamento de Enfermagem FFOE/UFC; Especialista em Unidade de Terapia Intensiva.

³ Enfermeira. Professora Adjunto do Curso de Graduação em Enfermagem da FFOE/UFC. Professora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Mestrado/Doutorado. Enfermeira Obstetra/UFC - Coordenadora do Grupo de Pesquisa Enfermagem na Promoção da Saúde Materna. Tutora do Programa de Educação Tutorial/SESU/MEC.

as mulheres em seus vários cenários de vida. Políticas públicas de incentivo ao aleitamento materno necessitam ser implantadas para que as mulheres cheguem ao pós-parto conhecedoras de todas as técnicas para terem uma amamentação prazerosa e saudável.

DESCRITORES: Aleitamento materno; Período pós-parto; Desmame precoce.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- SALDIVA, S.R.; ESCUDER, M.M; MONDINI, L.; LEVY, R.B; VENANCIO, S.I. Práticas alimentares de crianças de 6 a 12 meses e fatores maternos associados. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, 2007; 83(1):53-8.
- ABRÃO, Ana Cristina Freitas Vilhena. Amamentação: uma prática que precisa ser aprendida. **Pediatria**. São Paulo. 28 (2): 70-80. Editorial, 2006.
- HOLANDA, A.C.O.S.; SILVA, M.G.C. Aleitamento materno em RN de muito baixo peso egresso de uma unidade de terapia intensiva. **Revista de Pediatria do Ceará**. 4 (11): 33-9, jan./jun. 2003

¹ Enfermeira. Especialista em Enfermagem Neonatal e Especialista em Saúde da Família pelo Departamento de Enfermagem FFOE/UFC. Enfermeira da Estratégia Saúde da Família da Prefeitura Municipal de Guaramiranga-CE. E-mail: anacandidas@hotmail.com

² Enfermeira. Mestre em Enfermagem pelo Curso de Pós-Graduação do Departamento de Enfermagem FFOE/UFC; Especialista em Unidade de Terapia Intensiva.

³ Enfermeira. Professora Adjunto do Curso de Graduação em Enfermagem da FFOE/UFC. Professora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Mestrado/Doutorado. Enfermeira Obstetra/UFC - Coordenadora do Grupo de Pesquisa Enfermagem na Promoção da Saúde Materna. Tutora do Programa de Educação Tutorial/SESU/MEC.